

A SAUDADE NO PROCESSO DE MODERNIDADE DA RENASCENÇA PORTUGUESA

João Ferreira

I. Primórdios da desconstrução e reconstrução axiológica no período finissecular português

Conhecemos o clima decadentista europeu no final do século XIX e as formas como os intelectuais tentaram sair do *mal du siècle* e da decadência. Pensadores ousados e revolucionários como Nietzsche partiram para uma transmutação de todos os valores, meta julgada imprescindível para a construção de uma nova moral, além do Bem e do Mal.

De 1894 a 1913 detecta-se a leitura dos livros de Nietzsche em Portugal. Teixeira de Pascoaes e Manuel Laranjeira já o discutem num dos cafés do Porto em 1904, e Nietzsche será um dos entusiasmados nomes que sorrirão aos novos republicanos. Significa isto que se opera, concretamente, desde as Conferências do Cassino e, especificamente, desde os romances realistas de Eça de Queiroz, desde as obras de Antero e Guerra Junqueiro, desde a escrita historiográfica de Oliveira Martins e desde a poesia crítica de Gomes Leal, a desconstrução de valores do velho mundo e da desgastada sociedade burguesa do século XIX. Corria-se, assim, para a instauração de um *espírito novo*, preparador dos fatos estético-literários ocorridos em Portugal por ocasião da publicação do primeiro número de *Orpheu*, em 1915.

II. Nietzsche entre os escritores portugueses antes de Orpheu

A modernidade nietzscheana do entusiasmo e da vontade de poder, de orgulho e de autoconfiança introduz-se nos jovens democratas republicanos. Entre outros, Jaime Cortesão, António Patrício, Manuel Laranjeira, João de

Barros e Teixeira de Pascoaes acolheram a doutrina da “vontade de poder” e a pregação naturalista sobre a vida, que Nietzsche deixou em *Assim falou Zaratrustra*, que vai soar vibrantemente em *Terra Florida* de João de Barros. Os jovens dispõem-se a ir em busca de uma nova “Weltanschauung” favorável a estes valores de base. Numa intuição haurida na tradição poética e antropológica portuguesa, Pascoaes descobre o elemento aparentemente paradoxal que o levará à formação de seu sistema poético: a *Saudade*. Com um ressalva: a de que na saudade aproveitará o *elemento memorial como forma de chegar à História e o elemento dinâmico desejo, como forma de impulsionar para a ação*. Para aqueles que o criticavam, a demonstração residia aqui. *O desejo na Saudade é o desejo de ser*. E isto se coaduna com os novos programas de reerguer e fazer renascer o país. Iremos acompanhar este debate.

III. A Saudade como intuição primordial na Renascença Portuguesa

Com um grupo jovem aderindo aos propósitos de reconstrução do novo país, Pascoaes acha fundamental que o novo país disponha de um conceito-base ou de uma *intuição primordial* que possa fundamentar o programa de renascimento próprio, sem ferir a linguagem da tradição lusitana. Essa intuição primordial está na descoberta da *Saudade como representação e como vontade de poder*, um aproveitamento bem nietzscheano do conceito. Nesta linha, a Saudade foge a qualquer preconceito de passadismo e integra a idéia de busca histórica de arquétipos exemplares, endereçando-os para a síntese necessária aos novos tempos. Encarregado, na primeira reunião do grupo da *Renascença* feita em Coimbra em 27 de agosto de 1911, para redigir um manifesto que expressasse o programa mínimo a ser desenvolvido para ressurgimento do país, Pascoaes — no intuito “*de reintegrar a alma da nossa Raça na sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originária, para que tome conta de si própria, e se torne activa e criadora, e realize enfim, o seu destino civilizador*” — lembra que a alma portuguesa tem em si a ansiedade poética da perfeição moral, da beleza e do mistério da vida. Esta ansiedade está patente não só nos cantos populares, lendas e linguagem do povo, mas sobretudo na *Saudade* que é “suprema criação sentimental da Raça”¹

IV. Do poder intuitivo da descoberta da saudade como matriz regeneradora ao processo da modernidade

Estamos em fins de 1911. O país encontra-se ainda em lua de mel com os ideais republicanos. A *Renascença Portuguesa*, por sua vez, com seu órgão literário a *Águia*, procura cimentar a arrancada para a modernidade. Mas o que seria esta Modernidade? Um debate profundo sobre a questão exigiria uma rigorosa pesquisa capaz de admitir o estado da questão acima de qualquer preconceito sobre o *saudosismo* como modernidade. Para esta caminhada necessário se tornaria a adoção de uma *engenharia hermenêutica* em torno de

dados convincentes organizados em direção a um processo de análise destinado a tirar conclusões coerentes. No interior do arcabouço desta engenharia hermenêutica seria necessário lembrar que “o ideal da Renascença” foi construído em volta de dois eixos-fins: *educar o povo português e preparar o advento da Era Lusíada*². Ficava claro que ao falar em “educar o povo português” o sentido de Pascoaes era o de “*dar cultura lusíada ao povo português*”, proporcionando-lhe “*a consciência clara do original espírito lusitano*” e polarizando-lhe as energias no sentido levantado “de realizar um nobre ideal coletivo”³.

Ao propor a Saudade como *matriz regeneradora da pátria portuguesa*, Pascoaes aponta no sentido de defender que um dos propósitos da Renascença era “combater” todos os invasores que desnaturaram o caráter original português, tanto a nível pedagógico e artístico, quanto a nível literário, religioso e filosófico. O grande objetivo, porém, era o *envolvimento dos portugueses na consciência da própria identidade*. Um dos pontos fortes da modernidade do programa da Renascença estava na criação e no funcionamento das Universidades Populares, o que contribuiria culturalmente para o aprofundamento dessa consciência da identidade.

V. Raul Proença: outro pólo de concepção da modernidade dentro da Renascença Portuguesa

Para contrabalançar com o manifesto de Pascoaes, a direção da Sociedade *Renascença Portuguesa* solicitara outro manifesto, na reunião de 17 de setembro de 1911 a Raul Proença, que seria publicado em *A Vida Portuguesa* em 1914. É uma proposta divergente da de Pascoaes e anti-saudosista. Em síntese, Proença parte do princípio de que é necessário “*dar uma alma nova à nossa nacionalidade, despertar ação e vida nesta existência e modorra, fazer enfim surgir alguma coisa que nos alimente a esperança móvel da revolução e fonte de toda a vida*”⁴. Apela, além disso, para a necessidade de *unificar num bloco as várias forças* dispostas a empreender esta renascença. Essas forças deverão se nortear apenas pelo amor à coletividade e ficar longe de fações políticas, religiosas e filosóficas, e manter-se abertas às variadas tendências ideológicas. Proença diz que no país ainda não “existem aspirações nítidas, desejos bem concretos”, mas que há “*uma aspiração esparsa, latente, em nebulosa — uma atmosfera*”. Entre os males a combater registra que “depois de três séculos de educação jesuítica, [a sociedade portuguesa] [...] *olvidou todas as energias vivas, todas as forças íntimas que a tinham posto outrora a par da civilização mundial*”⁵. A educação portuguesa, diz, ainda é imbuída do espírito da Contra-Reforma, o analfabetismo campeira, há uma imbecilidade adornada e pedante⁶. Segundo Proença, *há que reformar a idéia que temos da vida e do mundo e nos integramos à Europa “onde circula ininterruptamente um sangue sempre novo”*⁷.

A grande novidade do manifesto de Raul Proença é o afastamento que manifesta do grupo saudosista de Teixeira de Pascoaes, quando *defende frontalmente que a Saudade não se coaduna com o “nosso tempo”, que é um “sonho*

distante”, estranho ao pensamento moderno: — Como estremunhados — diz Proença — pensamos idéias que não são para o nosso tempo, continuamos num sonho distante, estranhos à actividade, estranhos ao pensamento moderno”⁸.

Declarada sua frontal oposição à teoria saudosista como forma de se avançar para um renascimento português, Raul Proença dá um remédio para o atraso. Há que modernizar, diz, conceitos e linguagem: “Falamos uma linguagem política e social que já ninguém entende [...] Daqui nossa incapacidade para resolvermos os problemas novos que se levantam no nosso caminho porque não se resolvem problemas novos com uma mentalidade antiga”⁹. Como consequência deste raciocínio, Raul Proença chega ao remédio que pode pôr fim a este mal: “Pôr a sociedade portuguesa em contacto com o mundo moderno, fazê-la interessar-se pelo que interessa aos homens lá de fora, dar-lhe o espírito atual, a cultura atual, sem perder nunca de vista, já se sabe, o ponto de vista nacional e as condições, os recursos e os fins nacionais. Temos de aplicar a nós mesmos, por nossa conta, esse espírito do nosso tempo, de que temos estado tão absolutamente alheados”. Os problemas são variadíssimos: educativos, econômicos, morais, literários, artísticos, financeiros, militares, coloniais. A escola, o livro, a revista, o panfleto, o manifesto, a conferência, a exposição, o inquérito, a viagem de informação de estudo — tais são os meios que temos ao nosso alcance. Por eles diligenciaremos criar em Portugal estas duas coisas absolutamente novas: uma elite consciente, uma opinião pública esclarecida”¹⁰.

VI. A Modernidade dos dois manifestos da Renascença Portuguesa

A primeira evidência que nos oferece o manifesto de Raul Proença é a de que sua proposta é mais fácil de entender, mais ágil e voltada para realidades que a sociedade e a elite está em condições de compreender, sendo seus pontos de vista mais fáceis de incluir numa programação moderna. Restaria ainda discutir o que se entende por modernidade.

Os dois manifestos, seja o de Pascoaes seja o de Proença, têm como essência comum a necessidade de uma *Renascença Portuguesa*. A insustentável situação da dependência cultural que a nova elite neo-garrettiana rejeitava desde 1893 exigia um plano de reforma. A diferença entre os dois membros da Renascença estava na ideologia. Ambos eram patriotas e movidos por altos ideais renascentistas. Raul Proença, porém, é um pensador aberto às conquistas do cientismo europeu, com simpatias pelas conquistas mais modernas da tecnologia. Pascoaes, por seu lado, é só um Poeta, um intuitivo, voltado para a tradição poética de seu país, mas, ao mesmo tempo, um leitor da história imanente de Portugal. É mais fácil para ele sugerir uma solução a partir do espírito português e, principalmente, a partir dos grandes arquétipos da história portuguesa, depurando-a de estrangeiradas e desvirtuadoras influências. Proença apela para o contato com o moderno espírito europeu. Sem excluir o contato com as demais culturas, que também conhece, Pascoaes insiste em que o momento é de “dar ao povo português a consciência do

original espírito lusitano”¹¹. Por outras palavras, a primeira tarefa de um renascimento será a educacional, *dar a conhecer a história e a realidade portuguesa*, de modo a que o próprio português se descubra a si mesmo. Este programa, segundo artigo de Jaime Cortesão em *A Vida Portuguesa* de 02 de fevereiro de 1914, *Nacionalismo e cosmopolitismo*, não significa isolamento. Ao contrário, o programa das universidades populares, que a *Renascença* mantém, mostra um dos aspectos positivos verificados em vários países europeus modernos. A ação cultural da *Renascença* implica, por outro lado, em atualização de processos e conhecimentos em relação ao mundo civilizado.

Coincidindo em suas linhas básicas, está o ponto de vista de António Sérgio. Em longas cartas e artigos polémicos dirigidos a Teixeira de Pascoaes, Sérgio sustenta que Saudade, Saudosismo e quejandos eram passadismo e coisa de museu; que na verdade, o que importa é “criar um ideal presente” e não um “novo ideal colectivo mergulhado nas raízes do passado”, como queria Pascoaes¹².

VII. A necessidade de uma reengenharia hermenêutica para o saudosismo de Pascoaes

Os críticos reconhecem que o divisor de águas entre Proença, Sérgio e Pascoaes está na ideologia contrastante e na visão diferente que cada um tem de Saudade. Quando Pascoaes proclama: “*Eu chamei saudosismo ao culto da alma pátria ou da Saudade erigida em Pessoa divina e Orientadora da nossa actividade literária, artística, religiosa, filosófica e mesmo social [...]*”¹³; e António Sérgio diz: “*a saudade representa, se me permitem a franqueza, uma idéia artificial e convencional da literatura*”. Temos explicitada a diferença de conceitos.

É extremamente arriscado tentar uma reengenharia, uma nova hermenêutica, do saudosismo de Pascoaes. Mas é possível. Trata-se de evocar uma história cheia de tradição lírica, de manifestações antropológicas, político-literárias e de teoria poética, desde os *Cancioneiros medievais* até à contemporânea *Filosofia da Saudade*. Uma tradição que o analista, atentamente, terá de ter em conta para compreender Pascoaes.

Para entrarmos neste labirinto, alguns pressupostos devem ser anotados. O primeiro deles é perceber que a existência histórica de um país não pode excluir seu passado ou sua *memória*. E que a saudade se sustenta em cima de um *pólo memorial* inapagável. É este pólo essencial ao saudosismo. Diríamos que é o *primeiro momento da consciência*, com retorno garantido ao tempo presente através do desejo — forma atualizante das virtualidades contidas na memória. O segundo pressuposto, — e isso, alinhando já na própria tradição greco-latina dos termos *ímeros*, *epithumia*, *pothos* e *desiderium* (termo usado por Jerônimo Cardoso para traduzir *saudade*), onde o desejo é parte dinâmica no que diz respeito a coisas presentes e ausentes — é o de que o *desejo de regresso ao passado* comanda toda a dinâmica do processo saudosista. Na reengenharia hermenêutica que achamos necessária, deverá haver o cuidado de não suspen-

der por aqui a inteligência. Para Júlio de Matos, Proença, Sérgio e demais opositores do Saudosismo, a paciência hermenêutica esgota-se superficialmente ao se falar de passado. Mas, na verdade, o propósito de Pascoaes é muito mais amplo e profundo e os textos oferecem muito mais. Há vários tipos de viagem até ao passado. Para uns, ida significa *regresso* a um suposto ponto de partida. Para outros, ida é apenas viagem com retorno. No caso de Pascoaes, a *Saudade, de posse da memória do passado* realimenta novos sonhos através do *desejo*: “A saudade é a lembrança de um bem ausente como desejo de o lograr”. Pascoaes, como já o observou o próprio António Sérgio, aponta na direção de uma *saudade como representação e como vontade*. É o tipo do *saudosismo voluntarista*, na essência do qual está o desejo: “Queremos a nossa Pátria *de acordo com o Passado e o Futuro, mergulhando as raízes na noite da recordação para florescer à luz da Esperança e criar a sua obra espiritual, religiosa, obra de amor e sacrifício*” (A Era Lusíada). A Saudade de Pascoaes tem a natureza da *catábase*, ou seja, é um *mergulho no passado em função de um futuro*. O mergulho é acionado em vista de uma *iluminação* a ser recebida dos *grandes arquétipos coletivos*. Essa iluminação, fruto da *catábase*, terá a forma de uma instrução e de uma doutrina. A consciência saudosa, de volta à terra, via *anábase*, regressará ao *status* normal e existencial onde poderá aplicar o *visto e o iluminado* dentro de um programa de ressurgimento, em benefício do planejamento de um país a ser renovado. Sua visão e predisposição se apoiará nas lições dos arquétipos iluminados vistos na *catábase*. Esta parece ser a leitura mais coerente do saudosismo, no quadro da *saudade como representação e como vontade de poder*. A saudade é um intuição primordial de sustentação do sistema e ganha específico sentido em sua natureza de mundividência.

Julgar Pascoaes desta maneira, dentro dos objetivos da *Renascença Portuguesa*, no período que vai de 1911 a 1915, é uma hermenêutica possível, sobretudo se nos servirmos da leitura poética dos poemas *Marânus* e *Regresso ao Paraíso*, onde o tom do saudosismo criacionista é palpável, o que nos leva a compreender melhor a enorme capacidade idealista deste poeta iluminado que dá uma prova de enorme poder imaginativo ao ser capaz de *inventar uma forma de ser português através da saudade*. A principal missão desta *engenharia hermenêutica* é ler hoje, de maneira autônoma, o variado e complexo macrotexto poético e teórico de Pascoaes, talvez de maneira menos rígida, sem esquecer, que, mesmo ao teorizar, *Pascoaes dá prioridade ao Poeta* para emitir os juízos que o representam.

Se “ser português é também uma arte”, como diz Pascoaes em “*A Arte de Ser Português*”, tentar entender a abrangência saudosista é uma arte também, e das mais difíceis. Tal como a Saudade explícita de *Marânus*, também a visão de Portugal é idealista, conforme lemos em *A Arte de Ser Português*, no capítulo “*O nosso idealismo*”. Poeticamente, *a saudade é toda a capacidade imaginativa do homem português*. Entender isto é entender Pascoaes e *dar à sua teoria saudosista, também, a capacidade teórica e dinâmica de transfigurar os rumos de sua própria terra*. A Saudade Portuguesa irmana-se com os outeiros, com a paisagem e com a terra, transformando-se na *própria força redentora de Portugal*: “*Eu sou a tua*

*Virgem/ No meu ventre/ cresce o nosso menino, que virá/ transfigurar o génio deste Povo/ E estes campos incultos lavará..."*¹⁴

A todo o esforço hermenêutico do saudosismo, menos do que a fórmula imóvel de uma afirmação ensaística ou princípios teóricos *a priori*, é necessário acrescentar o fluido veio da *Saudade criacionista*, arquitetada por Pascoaes em Virgem Lusitana, com carteira de cidadania, com missão redentora e reveladora. Entender este entrelaçamento é essencial na *engenharia hermenêutica*. Em Pascoaes *toda a hermenêutica passa pela Poesia*. Esse princípio faz a diferença entre as hermenêuticas de Leonardo Coimbra, de um lado, e as de Raul Proença e António Sérgio, do outro. O que sobrou à hermenêutica de Leonardo Coimbra que sempre foi um hermenêuta da obra poética de Pascoaes, faltou a Raul Proença e a António Sérgio que leram, rigidamente, como meros intelectuais imediatistas, o discurso retórico do cidadão Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, autor de textos ensaísticos e teóricos, mas não descobriram o transcendentalismo poético de Pascoaes para além desses textos.

VIII. A Saudade como forma e conhecimento

A reengenharia hermenêutica do saudosismo, entretanto, proporciona ainda outras aproximações. A mais tentadora e talvez a mais verdadeira, para chegarmos à Saudade como representação e como vontade de poder, é a *idéia de catábase*, que coloca a saudade a nível de forma de conhecimento. Partindo da *memória*, a saudade pode ser um meio psicológico de atingir o tempo passado, *recriando situações e fatos*.

A descida pode ser entendida como uma forma de iniciação, cujo acesso fica circunscrito às consciências capazes de dignificar o mistério em que são envolvidas. Ao descer ao fundo da sua consciência, a memória é ativada. Na memória, faz-se a iluminação, reanimam-se as coisas, as pessoas, as situações. *A Saudade, tornando-se lembrança de um bem ausente*, responde inteiramente a este quesito. Então, a consciência saudosa ganha um *sentido histórico, podendo significar a reconquista da memória, trazendo imagens, modelos e arquétipos à pantalha dos nossos olhos*. É uma ida catabática ou descida, *ao encontro dos arquétipos ancestrais, coletivos*. É bastante inteligente este recurso. Um pouco à semelhança de Ulisses, quando desceu ao Hades para evocar os mortos e *ouvir o vaticínio do adivinho Tirésias*¹⁵, relato necessário *para orientar seu comportamento futuro* quando chegasse a Ítaca e se encontrasse com os pretendentes, Penélope e Telêmaco. *Descer ao túnel do tempo e sondar os grandes exemplos da aventura portuguesa, é a essência da catábase*. Uma forma histórica de tornar mais visível esta catábase é descer até ao livro *O Naufrágio de Sepúlveda*, de Jerónimo Corte-Real, e acompanhar a *catábase* de que é personagem central o valoroso capitão Pantaleão de Sá. Nessa catábase, o herói é submetido a uma iniciação que exige provas duríssimas. No fundo, ele aceita a missão como lusitano descobridor. Como que embalado *no segredo do "encoberto"*, tarefa de todo o filósofo que tenta percorrer o caminho da *alêtheia, do não-encoberto*, ou da

verdade que se descobre, Pantaleão toma conhecimento das “empresas famosas” dos reis e de grandes coisas da História Portuguesa. Ao abrir-lhe o caminho da busca, o sábio apenas diz para Pantaleão de Sá que “grandes cousas são passadas”¹⁶: “O jovem Lusitano se recreia/ de ver e saber tais antigualhas/ E dentro do leal peito se alegrava/ Vendo que em Portugal era nascido”. É este apenas um exemplo similar de como a *catábase saudosista em busca de conhecimentos pátrios* foi utilizada já em obras portuguesas anteriores a Pascoaes.

IX. A modernidade do Saudosismo frente ao futurismo de Marinetti

Um último ponto para o debate sobre a *modernidade* de Pascoaes é a comparação entre o Saudosismo e o Futurismo de Marinetti. Já focalizamos o confronto entre os dois líderes vanguardistas deste início de século, mostrando a argumentação poética e a opção pascoaesiana frente aos princípios do futurismo. Numa palestra para os estudantes da Universidade do Porto, Pascoaes, ao apresentar a Renascença Portuguesa, fez uma introdução, falando das várias formas de *renascimento literário* de seu tempo. Referiu-se à Bélgica de Verhaeren, à Espanha de Miguel de Unamuno, à Catalunha de Ribera y Rovira, à Índia de Tagore e também à Itália de Marinetti.

Na exposição e avaliação que fez dos princípios futuristas, Pascoaes partiu para uma atitude de crítica explícita, achando que o movimento literário italiano era orientado por um restrito ideal de progresso, no frio e metálico sentido da palavra, como se se tratasse de uma “*obsessão científico-industrial*”, ou de “*estúpida ilusão*” onde o homem pretende matar a *divina fome do espírito* dando-lhe a roer carvão. Segundo Pascoaes, a vida, a única matéria-prima da Beleza, não está nos motores, nos aeroplanos ou na luz elétrica. Tudo isso é esqueleto. *A Poesia, mesmo quando epítáfio, não desce ao fundo da sepultura; conserva-se cá fora, sobre o mármore, onde pousam as aves cantando e onde bate o luar e a luz do sol*¹⁷.

O que sobra deste confronto ideológico entre os dois vultos literários, é decidir, em termos hermenêuticos, sobre a validade da belíssima exposição de Pascoaes. Marinetti já foi julgado pela história. O futurismo é uma poética consagrada. Onde ficaria Pascoaes, confrontado com Marinetti? Seus argumentos são óbvios. Mas será que, a par de uma modernidade que respira o triunfo da civilização industrial, não restaria ao talentoso poeta, que opta pelo renascimento da vida, um reconhecimento de real modernidade? Se modernidade significa atualidade, contemporaneidade, busca de valores, desejo de renovação, resposta à decadência e degenerescência dos fins do século XIX, avanço e mudança, originalidade radical, ruptura, novos horizontes de linguagem, Pascoaes e sua Renascença poderão também ter uma codificação favorável, na base da verificação de que a modernidade é polifônica, tem vários registros, que a modernidade de um poeta não é a modernidade do outro, que a sensibilidade futurista não é a sensibilidade saudosista. Assim, a

tendência materialista e positivista do final do século XIX que pode ter inspirado Marinetti, fica em confronto com a espiritualidade e mística panteísta própria de Pascoaes, que é também uma manifestação de espírito muito fértil. Nos dois princípios poéticos, nós vemos duas formas de modernidade, inteiramente distintas, uma de matiz materialista, adesiva e triunfalista, e outra de matiz espiritual e mística, refletindo os dois grandes momentos do homem no mundo.

Conclusão

Para debatermos a modernidade do projeto pascoaesiano da *Renascença Portuguesa* no âmbito da engenharia hermenêutica de que falamos, é necessário ter em mente que a Saudade, ao ser colocada por Pascoaes na base da pirâmide renascentista não é simples memorialismo e muito menos passadismo. Também não é sentimento depressivo, como queria Júlio de Matos. A Saudade é “*Virgem da Pátria Lusitana*”¹⁸ conforme se lê no *Manifesto da Renascença*, em *Era Lusíada*, em *Arte de Ser Português* e, sobretudo, na dimensão poética de *Marânus*, e tem um sentido criacionista, ao nível da imaginação criadora.

Na reação aos conceitos de Pascoaes, pairam duas teses essenciais, que serão repetidas até à saciedade, posteriormente: a) *que a saudade é coisa do passado*; b) *que a saudade é imobilista e contrária ao espírito moderno*. Proença refere-se ainda a uma “*linguagem política e social que ninguém entende*” e que “*não se podem resolver problemas novos com mentalidade antiga*”.

No processo hermenêutico por nós conduzido, mostramos o fundo memorial da saudade como elemento fundamental da catábase saudosista, assim como o lado gnoseológico da saudade e a dinâmica do desejo, que transformam a saudade em Pascoaes como representação e como vontade de poder e possibilitando agregá-la ao plano da *Renascença Portuguesa* na condição de *intuição primordial* do sistema saudosista.

A forma dinâmica e abrangente como Pascoaes desenvolveu a saudade não foi entendida nem por Proença nem por Sérgio. E isto prejudicou tremendamente o próprio programa da *Renascença* que ficaria mais coeso e rico se tivesse sido conjugado com a teoria de Pascoaes.

Notas

1. PASCOAES, Teixeira de. “Ao Povo Português”, “A Renascença Portuguesa”. In: SAMUEL, Paulo. *Renascença Portuguesa. Um Perfil Documental*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1991, p. 15 — Por comodidade e mais fácil acesso, citaremos de ora em diante, a coletânea de documentos de Paulo Samuel, sempre que precisarmos de nos referir a textos relativos à Renascença Portuguesa, dispensando-nos assim de citarmos diretamente a *Vida Portuguesa* e *A Águia*, de mais difícil acesso ao leitor comum. — Para a documentação referente a Teixeira de Pascoaes, dispomos também da coletânea de PINHARANDA GOMES — *A Saudade e Saudosismo*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988.
2. IDEM. “Renascença Portuguesa”. In: SAMUEL, Paulo. *Id.*, p. 32.
3. CORTESÃO, Jaime. “As Universidades Populares — VI. A Universidade Popular do Porto e a Renascença Portuguesa”. In: SAMUEL, Paulo. *Id.*, p. 119.

4. PROENÇA, Raul. "Ao Povo Português, A "Renascença Portuguesa". In: SAMUEL, Paulo. *Renascença Portuguesa. Um Perfil Documental*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1991, p. 16.
5. IDEM, *ib.*, p. 17.
6. IDEM, *ib.*, p. 18.
7. IDEM, *ib.*, p. 18.
8. IDEM, *ib.*, p. 18.
9. IDEM, *ib.*, p. 18.
10. IDEM, *ib.*, pp. 18-19.
11. CORTESÃO, Jaime. "As Universidades Populares — I. Sua Missão e Necessidade em Portugal". In: SAMUEL, Paulo. *Renascença Portuguesa. Um Perfil Documental*, p. 116.
12. SÉRGIO, António. "Variações do amigo Banana, amador de Estudos Históricos sobre Inquisição e Humanismos [...]". In: SAMUEL, Paulo. *ib.*, p. 110.
13. PASCOAES, Teixeira de. *A Arte de Ser Português*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1993, p. 118.
14. IDEM — *Marânus*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1990, p. 105.
15. HOMERO. *Odisséia*, Trad. Port. Dias Palmeira, 6ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1994 (Rapsódia XI).
16. CORTE-REAL, Jerônimo. *Naufrágio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manoel de Sousa de Sepúlveda e Dona Lianor de Sá, sua mulher e filhos [...]*. Lisboa, na Typografia Rollandiana, 1783, canto XIII.
17. PASCOAES, Teixeira de. *A Era Lusíada*. Porto, A Renascença Portuguesa, 1914, p. 17-18.
18. IDEM. *Marânus*, p. 68.